

REVISTA DO PROFESSOR

MUSEU DA REPÚBLICA

PEJA
2017

**PROJETO “PEJA:
UMA LACUNA
NO MUSEU”**

**POETIZAR, CRIAR,
FRUIR, VISITAR,
CONHECER
A ARTE COM
JOVENS E
ADULTOS: PELO
DIREITO DE
*SER MAIS!***

02318792





revista do professor

MUSEU DA REPÚBLICA

2017
revista dedicada aos professores
das redes pública e particular
de todo o Brasil.

realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

apoio



EDITORIAL

PREZADO(A) PROFESSOR(A),

O último número da *Revista do Professor* (junho de 2017) trouxe o artigo intitulado “Projeto Educação e Cidadania”, que versava sobre o projeto “Educação e trabalho: uma ação de cidadania”, desenvolvido em 2014 junto aos alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) do CIEP Tancredo Neves, vizinho ao Museu da República.

Ao final do artigo, informamos que havia a determinação de se trabalhar mais direta e permanentemente com os alunos do PEJA e que, com o recebimento de dez mil dólares pelo V Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus, concedido a esse projeto pelo programa Ibermuseum, o Museu da República desenvolveu, em 2015, um novo projeto, com alunos de PEJA de outras escolas. Dissemos, ainda, que o relato e a avaliação desse novo projeto seriam tema da próxima *Revista do Professor*.

Assim é que, neste número extra, apresentamos o projeto “PEJA: uma lacuna no museu”.

Esperamos, com esta publicação, sensibilizar professores de PEJA e educadores de museus em geral para o trabalho a favor da inclusão sociocultural desses alunos de forma regular, assim como sensibilizar autoridades para apoiar a abertura de museus à noite, uma vez por mês que seja.

Magaly Cabral
Diretora do Museu da República

REVISTADO PROFESSOR MUSEU DA REPÚBLICA

Presidente da República
MICHEL TEMER

Ministro da Cultura
SÉRGIO SÁ LEITÃO

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)
MARCELO MATTOS ARAÚJO

Diretora do Museu da República
MAGALY CABRAL

Assessor Técnico
MARIO CHAGAS

Assessora Administrativa e Financeira
SILVIA FENIZOLA

Equipe da Coordenação de Educação

ALCINA MARTINS DE OLIVEIRA E SILVA
ANA PAULA VIANNA ZAQUIEU
CARLOS DAETWYLER XAVIER DE OLIVEIRA
JANETE COSTA MARTINS DA SILVA
MARIA DE LOURDES DA SILVA TEIXEIRA
ROSANGELA GONÇALVES M. DE OLIVEIRA

Coordenação da Revista do Professor PEJA
MAGALY CABRAL





SUMÁRIO

REVISTA DO PROFESSOR

- 04** APRESENTAÇÃO DO PROJETO
Coordenação de Educação
- 06** PROPOSTA DE TRABALHO APRESENTADA AO MUSEU DA REPÚBLICA
Débora da Silva Lopes dos Santos
- 11** PROJETO “PEJA: UMA LACUNA NO MUSEU”
Magaly Cabral e Coordenação de Educação
- 22** POETIZAR, CRIAR, FRUIR, VISITAR, CONHECER A ARTE
COM JOVENS E ADULTOS: PELO DIREITO DE *SER MAIS!*
Marta Lima de Souza

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Coordenação de Educação

A Coordenação de Educação do Museu da República desenvolve ações contínuas dirigidas a alunos de todos os níveis de escolaridade, professores e educadores. Dentre essas ações, destacam-se publicações pedagógicas (revistas e jogos), oficinas para professores, projetos especiais em parceria com escolas e instituições culturais, visitas mediadas para grupos de estudantes, eventos culturais e a colônia de férias para o público infantil da comunidade do Catete e bairros vizinhos. Ainda assim, estávamos sentindo falta de um tipo de público muito especial: aquele que, ao se matricular em uma escola, não o faz para cumprir uma obrigação legal ou a vontade dos pais; muito pelo contrário, trata-se de jovens e adultos que, por vontade própria, por livre escolha, retornam à escola ou iniciam a vida escolar já em idade adulta – são os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que pode ser PEJA ou NEJA, dependendo da Secretaria de Educação a que esteja subordinada.

A opção de estender nossa possibilidade de atendimento a esse público já havia ficado clara em diversos trabalhos que realizamos desde 2008, dos quais é um exemplo o projeto de 2014, conforme relatamos no sexto número da *Revista do Professor*.

“Educação e trabalho: uma ação de cidadania”, projeto realizado em 2014 a partir de uma exposição sobre os 70 anos da CLT, obteve reconhecimento internacional, rendendo-nos o primeiro lugar no V Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus 2014 e, ainda, o Prêmio Best Practice, concedido pelo Comitê Internacional para Educação e Ação Cultural (CECA) do Conselho Internacional de Museus (ICOM).

O primeiro prêmio, pelo qual recebemos financiamento, nos trouxe a possibilidade de repetir o trabalho, desta vez atingindo mais escolas e em outros pontos da cidade do Rio de Janeiro, onde pudéssemos conseguir transporte mais rápido para receber esses visitantes em seu horário escolar, ou seja, à noite.

E foi com essa intenção que começamos a desenvolver o projeto “Museu para todos”, dirigido com exclusividade aos alunos do PEJA do Ensino Fundamental do município do Rio de Janeiro. O projeto estava estruturado por ações pautadas no patrimônio histórico, artístico e social que o próprio

Museu da República e seu rico acervo representam. Essas ações foram cuidadosamente planejadas, respeitando as dimensões sociais, econômicas, culturais, cognitivas e afetivas do jovem e do adulto em situação de aprendizagem escolar, em consonância com os postulados progressistas de Paulo Freire.

Como já não seria possível usarmos a exposição sobre a CLT, pensamos em montar ao menos duas exposições itinerantes que relacionassem os salões do Museu da República ao mundo do trabalho, situação em que a grande maioria dos alunos estava inserida, motivo pelo qual estudavam à noite.

Quando estávamos estruturando o projeto, nossa diretora Magaly Cabral, ao participar como palestrante do Curso de Pós-Graduação em Educação Museal, realizado pelos Museus da República e Castro Maya, em parceria com o ISERJ, trouxe a proposta de uma aluna desse curso, Débora Lopes, museóloga e professora do PEJA, que sugeria a formação de alunos do PEJA como mediadores para receber seus colegas em visita a museus (projeto às fls. 6).

Proposta aceita, redesenhamos o projeto, incluindo a formação dos alunos como mediadores para os colegas do PEJA, conforme será visto a seguir no desenho do projeto. Também o nome do projeto foi mudado: de “Museu para todos” passou a ser “PEJA: uma lacuna no museu”.



PROPOSTA DE TRABALHO APRESENTADA AO MUSEU DA REPÚBLICA

EJA: discentes mediadores no espaço museal

Proponente: Débora da Silva Lopes dos Santos¹

Março/2015

Introdução

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético, e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (Paulo Freire, Pedagogia da autonomia).

A presente proposta trata da iniciativa de construir um grupo de trabalho em que discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) possam ser mediadores das culturas expostas nos espaços dos museus, espaços privilegiados de conhecimento social e historicamente construído que têm a pesquisa como princípio científico e, além disso, instituição com função educativa; mediando no sentido de que o aluno esteja atento ao colega visitante, às obras e às relações entre eles; construindo conhecimentos e experiências de modo compartilhado.

¹ Mestranda em Educação (PPGE PUC-Rio), Museóloga licenciada em História e professora do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, no CIEP Gregório Bezerra, desde 2008.

Pretende-se que alunos da EJA se tornem sujeitos ativos nos museus, contribuindo com a recepção, elaboração/planejamento e mediação da visita de grupos de educandos da mesma modalidade de ensino, de forma que ambos possam, a partir da troca, construir juntos reflexões sobre os objetos, as culturas e as abordagens expostas. Acredita-se que, para discentes da EJA, participar de visitas mediadas por seus colegas colabore com seu sentimento de pertencimento/apropriação em relação à instituição, com a reflexão sobre sua identidade e de seu grupo social enquanto portador e produtor de cultura e com a apreciação das possibilidades que a educação pode promover.

Público

Estudantes jovens e adultos que compõem o público da EJA, alfabetizados e cursando o Ensino Fundamental.

Objetivos

Na medida em que nossa proposta se centra na construção de um grupo de trabalho composto por discentes da EJA, estruturamos objetivos pertinentes

a esse grupo, considerando, no entanto, que esses objetivos podem se estender, para além dos alunos participantes da formação, aos alunos visitantes, nas relações que serão estabelecidas.

Objetivo geral

- Possibilitar a formação de cidadãos críticos, conscientes, capazes de interferir em sua realidade e nas realidades que os cercam de maneira atuante, proporcionando uma melhor qualidade de vida, a construção de valores éticos, uma participação social e política mais atuante, capacitando-os para o exercício de seus direitos e deveres e ampliando sua percepção como produtores e herdeiros de culturas, produzidas não apenas pelas comunidades às quais pertencem, mas também por outros povos e nações.

Objetivos específicos

- Possibilitar que os alunos da EJA se compreendam como interventores e produtores e, por isso, sujeitos autônomos na sua vida e sociedade.
- Buscar a afirmação do direito à EJA, numa perspectiva de educação popular, em espaços de educação não formal.
- Contribuir com a definição e a afirmação da identidade do aluno da EJA.
- Possibilitar aos indivíduos/estudantes que construam/expandam a sua própria visão de mundo a partir da interação com a instituição, com outros colegas da EJA e com o trabalho de mediação.
- Contribuir com o alargamento de sua criticidade sobre a realidade.
- Possibilitar a valorização do patrimônio sociocultural brasileiro em seu caráter plural, bem como de aspectos socioculturais de outros povos e nações.
- Desenvolver a construção do conhecimento sobre si mesmo, do outro e com o outro.





Alunos do PEJA, visita ao Museu da República.

Fotos: Prof Débora Lopes.

Justificativa

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, [o homem] vai dinamizando o seu mundo, vai dominando a realidade, vai humanizando-a, vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor, vai temporalizando os espaços geográficos, faz cultura (Paulo Freire, Conceitos de educação em Paulo Freire).

Acreditamos que, na medida em que o aluno da EJA se apropria da sua realidade e de outras realidades, “estando com ela e estando nela”, ele se torna capaz de “dominá-la”, transformando-se, mais do que em agente ativo, em fazedor dela. O aluno assume assim um papel mais ativo no processo, torna-se produtor – no sentido de ser autônomo dentro do espaço, ao articular seus diferentes conhecimentos com os de outros colegas, ao planejar as atividades, ao organizar o roteiro da visita e ao desenvolver diferentes estratégias para lidar com as situações referentes à visitação e ao público –, produtor da realidade, ao criar sua própria linguagem e abordagem, de acordo com suas próprias maneiras e ideias.

O aluno da EJA, na medida em que se tornar produtor da sua realidade, poderá construir com mais clareza um conhecimento sobre si mesmo e um sentimento de confiança em suas capacidades físicas, afetivas, cognitivas e de inserção social.

No Brasil, a educação é um direito preconizado pela Constituição Federal, organizada pela LDBEN nº 9.394/96, sendo a Educação de Jovens e Adultos uma modalidade da Educação Básica que atende aos que não tiveram acesso ou não puderam dar continuidade aos estudos no Ensino Fundamental e Médio.

Considerando que a EJA se compõe de sujeitos jovens e adultos, muitos “recém-egressos do período diurno” (no caso, que saem do ensino diurno por conta própria, por motivos alheios à escola, como trabalho, doença etc.) e outros “evadidos, repetentes, renitentes, expulsos ou convidados a se transferirem dos cursos regulares” (SANTOS, 2008, p. 24), essa proposta torna-se urgente, pois implica, para o educando, uma tomada de lugar na sociedade após períodos de exclusão.

Compreender a Educação de Jovens e Adultos como direito é caminhar no esforço de garanti-lo, o que pressupõe não apenas um esforço da escola como instituição de ensino formal, mas de todas as instituições, incluindo o museu enquanto instituição com função educativa. Não podemos objetivar a formação de indivíduos críticos, conscientes, capazes de interferir em sua realidade, se perpetuamos ações que não respeitam direitos, que não são inovadoras, que buscam resultados estanques ou que supervalorizam o quantitativo.

Metodologia

Em uma abordagem sócio-histórica/cultural, a aprendizagem de qualquer conhecimento novo parte do OUTRO, de padrões interacionais interpessoais. Assim, a aprendizagem é entendida, independentemente da idade, como social e contextualmente situada, como um processo de reconstrução interna de atividades externas, em que a relação social tem o papel primário de determinar o funcionamento intrapsicológico ou intramental (MAGALHÃES, 1996, pp. 3-4).

Por meio da Teoria Sociocultural, desenvolvida por Vygotsky, compreende-se que o conhecimento não é construído apenas na relação entre aluno e educador. A construção do conhecimento ocorre primeiro no plano externo e social (com outras pessoas), daí a importância também da relação entre alunos, para depois ocorrer no plano interno e individual. Nesse processo, a sociedade, principalmente seus integrantes mais experientes (adultos, em geral, e professores, em particular, além de outros colegas em etapas diferentes de aprendizagem), é parte fundamental para a estruturação do que e como aprender.

Faz-se útil aqui trazer o conceito de ZPD (zona proximal de desenvolvimento), pois foi criado por Vygotsky (1998, pp. 109-119) como a própria metodologia de trabalho da mediação. Trata-se do espaço de trabalho no qual uma pessoa atua para ampliar os conhecimentos do aprendiz. Para tanto, é necessário reconhecer o que o outro pode realizar sem ajuda (ZDR – zona de desenvolvimento real) e o que não pode. O objetivo, então, é que a realização de algo feito na ZPD possa, em breve, ser feito na ZDR, buscando a autonomia de atuação dos sujeitos envolvidos (BERNI, 2015, p. 2.539).

Para além da relação entre aluno e professor, propomos aqui investimento na relação entre discentes. Compreendendo que o conhecimento é construído com o outro, na medida em que o aluno visitante participar das atividades de mediação realizadas por um colega, as vivências e as trocas que ocorrerão

possibilitarão a construção de múltiplos significados. Com essa proposta de troca entre os pares, todos saem beneficiados, pois, com o poder da relação dialética, os aprendizes serão capazes de construir juntos e de discutir, de acordo com o repertório próprio de cada um, refletindo assim sobre as narrativas expostas e sobre as escolhas feitas pela instituição e representadas na exposição.

O que se pretende fazer:

Primeiro momento (tempo estimado: dois meses)

- Articular diversas instituições (museus, escolas, órgãos públicos) que tenham interesse em colaborar com o projeto.
- Buscar patrocínio para custear despesas dos alunos com alimentação (almoço) e transporte.
- Estimular alunos da EJA a participar do projeto, falando sobre ele nas escolas.
- Entrevistar alunos que demonstrem interesse em participar do projeto, procurando características como: interesse em cultura, disponibilidade, histórico de participação em atividades culturais, grau de interesse em literatura e atividades culturais.

Segundo momento (tempo estimado: dois meses)

- Formação do grupo – Minicurso: buscar conhecer os interesses e conhecimentos prévios dos integrantes; discutir com o grupo sobre conceitos teóricos importantes, como patrimônio, cultura, preservação, conservação, memória; definir a exposição sobre a qual o trabalho se desenvolverá; planejar as visitas, elaborar o roteiro. Essas reflexões serão desenvolvidas ao longo de oito encontros, atrelando atividades teóricas e práticas (planejamento dos encontros em anexo).

Terceiro momento (tempo estimado: dois meses)

- Os mediadores visitam turmas da EJA, acompanhados da educadora idealizadora do projeto, para convidar à visita e falar sobre o projeto.
- Mediação de visitas.
- Avaliações e replanejamentos.



Alunos do PEJA,
visita ao Museu
da República.
Foto: Prof
Débora Lopes.

Materiais de apoio a serem utilizados

Papel, impressora, telefone, caneta, lápis, máquina fotográfica e filmadora, folder de divulgação, entre outros.

Equipe do projeto

Educadora idealizadora do projeto, professora Débora Lopes, e equipe do Museu da República.

Formas de avaliação

Os discentes visitantes serão incentivados a usar novas tecnologias, como celulares e tablets, para produzir vídeos sobre suas impressões da experiência vivida no museu e enviar para a instituição.

Os mediadores farão relatórios antes, durante e após a experiência, para que possamos compreender os efeitos do projeto, durante todo o processo, na vida do aluno participante. Nesses relatórios, os alunos serão incentivados a expor pontos de vista, histórico pessoal, visões de mundo etc.

Os educadores produzirão relatórios sobre o desenvolvimento (individual ou coletivo) dos discentes participantes e os efeitos percebidos no grupo visitante.

Instrumentos de registro

Relatórios, fotos, vídeos.

Referências

BERNI, Regiane Ibanhez Gimenes. **Mediação: o conceito vygotkskyano e suas implicações na prática pedagógica.**

Disponível em: www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_334.pdf.

Acesso em: 17 mar. 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Lei nº 9.394/96, de 24 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

FREIRE, Paulo. **Conceitos de educação em Paulo Freire.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MAGALHÃES, M. C. Contribuições da pesquisa sócio-histórica para a compreensão dos contextos interacionais da sala de aula de línguas: foco na formação de professores. **The Specialist**, São Paulo, v. 17, n. 1, 1996, pp. 1-18.

ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. **Educação de adultos: cenários, perspectivas e formação de educadores.** Brasília: Liber Livro; Instituto Paulo Freire, 2007.

SANTOS, Enio José Serra dos. **Educação geográfica de jovens e adultos trabalhadores: concepções, políticas e propostas curriculares.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

PROJETO “PEJA: UMA LACUNA NO MUSEU”

Magaly Cabral e Coordenação de Educação

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola

(Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.

Editora Paz e Terra, 1996, p. 33).

Julho/2015

Apresentação

O Museu da República define-se como um espaço de cidadania e tem como missão preservar, investigar e comunicar os testemunhos vinculados à história da República brasileira.

Ao definir-se como um espaço de cidadania, o Museu da República investe, por meio de projetos pedagógicos e ações culturais, na democratização do acesso aos acervos que preserva, a começar pelo próprio palácio no qual está situado, seu jardim histórico e seu entorno, locais de diálogo permanente com as manifestações culturais da cidade, do estado e do país.

Ao final de 2013, o Museu da República inaugurou a exposição *Trabalho, luta e cidadania: 70 anos da CLT*. CLT significa consolidação das leis do trabalho e foi resultado das lutas dos trabalhadores no Brasil. Ao pensar nas atividades a serem desenvolvidas em torno da exposição em 2014, o Setor Educativo não teve dúvida: desenvolver um projeto específico – “Educação e trabalho: uma ação de cidadania” – com os alunos do PEJA de uma escola vizinha ao Museu, o CIEP Tancredo Neves. PEJA significa Programa de Educação de Jovens e Adultos, um programa da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro. No CIEP Tancredo Neves, o PEJA funciona, como na grande maioria das escolas públicas municipais, no horário noturno. Seus alunos são trabalhadores – empregadas domésticas, faxineiros, taxistas, porteiros, vendedores ambulantes, entre outros – e moradores (em sua maioria, de favelas) do entorno do Museu.

O projeto “Educação e trabalho: uma ação de cidadania”, inscrito no V Prêmio Ibero-Americano de Educação e Museus 2014, foi agraciado com o primeiro lugar e recebeu um prêmio no valor de dez mil dólares.

Essa quantia será revertida para dar início ao desenvolvimento do projeto “PEJA: uma lacuna no museu”, com PEJAs da cidade do Rio de Janeiro, buscando uma aproximação maior entre educadores de museus e professores de PEJA.

Inicialmente, o projeto será desenvolvido com os CIEPs Tancredo Neves, vizinho ao Museu, e Gregório Bezerra, localizado no bairro da Penha, além da Escola Municipal Jenny Gomes, participante do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), localizada no Rio Comprido, e do Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA), localizado no Centro da cidade do Rio de Janeiro. O motivo da escolha do CIEP Gregório Bezerra se deve ao fato de o Museu da República ter sido procurado por uma professora do PEJA desse CIEP que, ao tomar conhecimento do trabalho do Museu da República com o CIEP Tancredo Neves, propôs um projeto em que um grupo de alunos do PEJA fosse preparado para atuar como mediador das exposições nos espaços dos museus, construindo com seus colegas visitantes conhecimentos e experiências de modo partilhado. A professora é também museóloga e, por isso, considera importante a relação dos alunos do PEJA

com o museu (projeto em anexo).

As outras duas instituições de ensino foram acrescentadas a partir de uma reunião com a professora Maria Luiza Lixa Mendonça, gerente da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro, quando se cumpriu a Etapa 1 da Fase 1 do projeto: apresentar o projeto à Gerência. Dessa reunião, participaram ainda as professoras Fátima Valente, diretora do CREJA, e Luzanira Scalercio, coordenadora do ProJovem.

Assim, o projeto “PEJA: uma lacuna no museu” compreenderá a preparação dos alunos mediadores, o recebimento nos CIEPs de exposição motivadora em forma de *banners* e a visita ao Museu da República mediada pelos alunos mediadores. Outras atividades podem surgir, propostas pelos alunos e professores dos CIEPs.

Após a realização de todas as atividades, propõe-se a organização de um seminário no Museu da República dirigido a professores do PEJA e educadores de museus para apresentação do projeto desenvolvido e promoção de uma aproximação entre esses profissionais.

Justificativa

Poucos são os museus que, no Brasil, e mesmo no Rio de Janeiro, abrem suas portas ao público à noite. Essa abertura noturna significa contar com recursos para pagamento de horas extras à segurança, o que nem sempre é possível. Assim, os estudantes que estudam no horário noturno não gozam da oportunidade de visitá-los, principalmente aqueles que frequentam o Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), alunos de 15 a 70 anos. Em geral, esse público trabalha durante o dia e estuda à noite. Seu tempo livre é o dia de domingo, quando não estão voltados a visitar um museu.

Além disso, por pesquisas já realizadas junto a esse público, eles não se sentem convidados, ou até mesmo autorizados, a visitar museus. Trata-se de pessoas que ainda enfrentam barreiras aos recursos e às oportunidades de aprendizagem que uma visita ao museu pode oferecer. A não acessibilidade causa entraves à total participação dessas audiências carentes na vida cultural.

Nesse sentido, o Museu da República se sente

comprometido, ao receber o prêmio no valor de dez mil dólares (depositados R\$ 25.601,00) pelo projeto desenvolvido em 2014 junto aos alunos do PEJA do CIEP Tancredo Neves, vizinho ao Museu, a ampliar e dar continuidade à sua relação com outros PEJAs da cidade e promover uma relação mais engajada entre educadores de museus e professores de PEJAs, buscando sensibilizar as autoridades no que concerne ao apoio à abertura dos museus num dia da semana, à noite. Para tanto, desenvolverá o projeto “PEJA: uma lacuna no museu”.

Tendo em vista que no projeto “Educação e trabalho: uma ação de cidadania” os alunos do PEJA do CIEP Tancredo Neves responderam, em sua grande maioria, que onde eles se encontraram no Museu da República foi na exposição *Trabalho, luta e cidadania: 70 anos da CLT*, decidiu-se que a exposição motivadora a ser levada para os CIEPs compreenderá também o tema do trabalho e da CLT.

Objetivos

Geral

- Assegurar aos alunos do PEJA o direito de acesso ao museu, incentivando e fomentando a elevação do nível de consciência crítica e a reconstrução da sua autoestima.

Específicos

- Possibilitar aos alunos mediadores perceberem-se como produtores e herdeiros de culturas produzidas não apenas pela comunidade a que pertencem, mas também por outras comunidades e povos.
- Desenvolver junto aos alunos mediadores a construção do conhecimento sobre si mesmo, do outro e com o outro.
- Abordar e debater com os alunos e professores do PEJA temas como patrimônio, cidadania, autonomia, direitos e deveres dos trabalhadores brasileiros.

- Estimular os alunos participantes a frequentarem

o Museu da República e outros museus, levando seus familiares e amigos.

Desenvolvimento

FASE 1: PREPARAÇÃO

Na fase de preparação serão mobilizados recursos tais como: mobilização da equipe de trabalho, reserva de espaço para a realização das atividades, compra de materiais, preparação de atividades. A fase de preparação do projeto consiste em duas etapas:

Etapa 1: Apresentação da proposta

O projeto será apresentado às diversas instâncias envolvidas:

1. Apresentação do projeto à Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEJA) da Secretaria Municipal de Educação.

2. Apresentação do projeto às Direções dos CIEPs Tancredo Neves e Gregório Bezerra.

Aprovado o projeto,

3. Promoção de reuniões com os professores do PEJA dos CIEPs, da Escola Municipal Jenny Gomes e do CREJA para apresentação e discussão do projeto, com incorporação de sugestões.

4. Convite aos alunos a participarem do projeto para atuarem como mediadores e entrevistá-los. Serão convidados seis alunos: três alunos do CIEP Gregório Bezerra, dois alunos do CREJA e um aluno da Escola Municipal Jenny Gomes.

Esses alunos devem dispor de tempo livre diurno. Os alunos receberão apoio para transporte e alimentação.

Em tempo: Após a Reunião na GEJA, quando foram acrescentadas novas escolas, recebemos e-mail do CIEP Tancredo Neves informando que não seria possível a participação de alunos no horário diurno.

Etapa 2: Operacionalização da exposição itinerante

Nessa etapa será preparada a exposição itinerante, com cerca de 15 *banners*, que enfocam o Museu da República enquanto lugar de memória e de produção de cidadania, e uma adaptação da exposição *Trabalho, luta e cidadania: 70 anos de CLT*.

FASE 2: Execução

A fase de execução do projeto consiste em atividades que envolvem professores, alunos e educadores do Museu da República. Será realizada nas seguintes etapas:

Etapa 1: Início da preparação do grupo de mediadores

A preparação deve levar cerca de dois meses.

Etapa 2: Visita mediada e encontro com professores

Nessa etapa os educadores do Museu da República fazem uma visita mediada com os professores, abordando a história do Palácio como um poderoso recurso didático, capaz de sensibilizar o público-alvo para questões como a importância do patrimônio para a construção da identidade, a comparação do passado com o presente, o processo de construção da cidadania, além de tratar da exposição sobre a CLT.

Os educadores do Museu da República discutem com os professores, no Museu, o detalhamento das etapas de desenvolvimento do projeto.

Etapa 3: Exposição itinerante

Nessa etapa o Museu da República leva a exposição itinerante para as duas escolas do PEJA e orienta os professores a respeito da montagem dos *banners*; visita a exposição, mediada pelos alunos mediadores; e acompanha os educadores do Museu e os professores.

Etapa 4: Encontro com estudantes

Nessa etapa ocorrem visitas ao Museu da República mediadas pelos alunos mediadores e acompanhadas pelos educadores do Museu.

Etapa 5: Discussões na escola

Nessa etapa professores e alunos discutem, em suas turmas, e de forma autônoma, os temas motivados pela exposição itinerante.

Etapa 6: Rodas de conversa

Após terem participado das etapas anteriores (exposição itinerante, discussões em sala e visita mediada ao Museu da República), os alunos estarão prontos para a elaboração de uma reflexão embasada na experiência empírica e na coleta de informações sobre os temas trabalhados no projeto. O objetivo dessa etapa é o empoderamento dos alunos, no sentido de permitir que eles compreendam que sua voz, enquanto cidadãos participantes, merece ser ouvida e valorizada.

As rodas de conversa acontecerão após a visita ao Museu da República e na escola.

Etapa 7: Exposição (opcional)

Nessa etapa, se os professores e os alunos dos CIEPs desejarem e se forem produzir materiais passíveis de serem expostos, poderá ser montada uma exposição no Espaço Educação do Museu da República.

O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos tenham uma noção dos variados aspectos envolvidos no processo de montagem de uma exposição num museu. Os alunos poderão expor fotos, trabalhos realizados, redações etc. Como desdobramento desse objetivo, os alunos devem perceber que o seu empoderamento, enquanto sujeitos cidadãos, está também relacionado com a capacidade de selecionar conteúdos que eles consideram relevantes, numa perspectiva de valorização da autonomia.

Etapa 8: Avaliação

A avaliação será feita permanentemente, pela observação direta das atividades, com anotações.

Serão elaborados questionários de avaliação:

- para os professores dos PEJAs;
- para os educadores do Museu;
- para os alunos participantes;
- para os alunos mediadores.

Etapa 9: Seminário

Realização de um seminário dirigido a professores do PEJA e educadores de museus para apresentação e avaliação do projeto e promoção de uma aproximação entre esses profissionais.

Os alunos participantes do projeto serão convidados a participar do seminário.

O seminário deverá ser realizado no horário noturno, de forma a permitir a participação de professores e alunos dos PEJAs.

Cronograma de atividades

O seminário

ATIVIDADES	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Apresentação do projeto à GEJA			X				
Apresentação do projeto às Direções dos CIEPs			X				
Reunião com professores dos CIEPs				X			
Seleção dos alunos mediadores				X			
Preparação dos alunos mediadores				X	X		
Confecção das exposições	X	X	X	X			
Visitas dos professores ao Museu da República				X			
Exposições nas escolas; visitas mediadas pelos alunos mediadores				X	X	X	
Visitas mediadas ao Museu da República						X	
Avaliação						X	
Seminário sobre museus e PEJA						X	X
Exposição de trabalhos dos alunos							X

SEMINÁRIO “PEJA: UMA LACUNA NO MUSEU”

31 de março de 2017, das 18h às 21h

Local: Auditório do Museu da República

PROGRAMA

- 18h Café de boas-vindas no Espaço Educação
- 18h30 **Abertura do seminário**
Magaly Cabral, diretora do Museu da República
Prof. Maria Luiza Mendonça, gerente de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro
Prof. Fátima Valente, diretora do Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA)
Prof. Patrícia Pitta, diretora do CIEP Gregório Bezerra
- 18h45 **Palestra da prof. Marta Lima**
Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua nos cursos de graduação em Pedagogia e de especialização Saberes e Práticas na Educação Básica, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos. Seu campo principal de pesquisa é ensino e aprendizagem da linguagem escrita para jovens e adultos, com foco na alfabetização, formação de professores, prática de ensino e estágio supervisionado de EJA. Integra o grupo de pesquisa “Linguagem, cultura e práticas educativas, investigando processos de produção de linguagem, identidades culturais e práticas educativas” (CNPq). E-mail: souzamartalima@gmail.com.
- 19h30 **Apresentação do projeto “Peja: uma lacuna no museu”**
Magaly Cabral, diretora do Museu da República
Carlos Xavier, representando a Coordenação de Educação do Museu da República
Débora Lopes, autora do projeto “EJA: discentes mediadores no espaço museal”
Mestranda em Educação (PPGE PUC-Rio, desde 2016), membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Museus, Cultura e Infância (GPEMCI PUC-Rio), especialista em Educação Museal pelo Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro/FAETEC e Instituto Brasileiro de Museus (2016), bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2012) e licenciada em História pela Universidade Candido Mendes (2013). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos, e atua como professora no PEJA da cidade do Rio de Janeiro desde 2008. Seus principais temas de pesquisa são: Educação de Jovens e Adultos, museologia, educação, escola e museu.
- 20h **Avaliação do projeto, com a presença das alunas mediadoras**
Isabela Santiago Maciel da Silva e Maurina Clara Bispo, da CREJA
Cícera Dourado da Silva e Patrícia da Silva Domingos, do CIEP Gregório Bezerra
- 20h45 **PEJA e o futuro no Museu da República**
Carlos Xavier, representando a Coordenação de Educação do Museu da República
- 21h **Visita ao Museu da República**

Seminário
“PEJA: uma lacuna no Museu”

O MUSEU DA REPÚBLICA convida para o seminário: “Peja: uma lacuna no Museu” a ser realizado no dia 31 de março de 2017, às 18h.

O seminário tem por objetivo apresentar e discutir a relação museus e PEJA a partir de projetos desenvolvidos pelo Museu da República.

As inscrições podem ser feitas pelo e-mail mr.educa@museus.gov.br ou pelos telefones: (21) 2127-0344/2127-0335

Data: 31 de Março | Hora: 18h
 Local: Auditório do Museu da República

PEJA
 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Museu da República
 Rua do Catete 153 | Rio de Janeiro | RJ
 21 2127 0345

M | | | | |

Avaliação do projeto

Sobre o projeto

Na Fase 1 – Preparação, não foi possível reunir os professores das escolas envolvidas. O projeto foi apresentado à Direção de cada escola. Também não houve a reunião com os professores, prevista na Fase 2, Etapa 2 do projeto.

Na Etapa 3 da Fase 2, os educadores do Museu da República não puderam ir às escolas para apresentar a exposição aos alunos.

Considerou-se, após a realização do projeto experimental, a necessidade de se ampliar o número de encontros para explorar o tema em questão. Percebeu-se que foi um tempo curto para trabalhar com as alunas todo o conteúdo programado (oito encontros – minicurso), já que foram abordados temas pouco, ou nunca, explorados na vida acadêmica delas. Uma grande quantidade de informações que lhes eram alheias provocou certo grau de cansaço mental; isso foi especialmente demonstrado nos momentos em que elas solicitavam a repetição de informações já trabalhadas ou demonstravam dificuldade em recorrer aos assuntos já tratados nos encontros anteriores.

É necessário frisar, contudo, que a quantidade de oito encontros possibilitou que as alunas

participassem do projeto, organizando sua vida pessoal e laboral para que não se ausentassem de nenhum encontro, não chegassem ao cansaço físico extremo, tendo que lidar com horas no trânsito para chegar ao Museu da República e, ainda, assistir normalmente às aulas nas suas unidades escolares. Algumas, inclusive, pontuaram oralmente que o fato de o projeto ter sido planejado para dois meses foi determinante para sua participação; se fosse um projeto com um período maior de realização, sua participação ficaria comprometida.

Outra questão importante e que causou debate entre parte da equipe do projeto foi em relação à compreensão dos seus objetivos. Alguns educadores do Museu da República pontuaram oralmente, em alguns momentos, sua preocupação em relação à quantidade e qualidade das informações que seriam trabalhadas durante a visita mediada pelas alunas. Entretanto, conforme foi avaliado no item anterior, o número de encontros atendeu às expectativas.

A professora Débora comentou que, quando escreveu o projeto referente ao minicurso de mediação, não objetivava oportunizar aos sujeitos da EJA experiências que eles normalmente têm tido ao visitar espaços culturais, a saber: a escola em geral recebe o convite para participar de uma atividade X ou Y e participa da atividade sendo mera receptora do que

a instituição preparou para os alunos. Nesse projeto, comentou a professora, a ideia era construir o caminho inverso e, por isso, inovador: a escola, na figura de uma professora, construiria uma parceria que possibilitasse uma experiência diferente, na qual os alunos não fossem meros receptores, e sim construtores ativos do processo. Segundo ela, o minicurso de mediação contribuiu para tornar as alunas protagonistas do processo: elas pensaram não apenas em suas próprias estratégias para realizar a visita mediada, como também participaram ativamente do planejamento e da construção do roteiro da visita. A visita era o momento em que todos os sujeitos da EJA não apenas teriam acesso ao espaço em horário noturno, mas, principalmente, seriam protagonistas dessa visita; isso porque, na troca de experiências com as alunas mediadoras, ambos os lados constroem juntos, ambos são importantes e protagonistas.

Logo, insistiu a professora, a ideia de que as alunas “aprendessem”, “decorassem”, enfim, “disponibilizassem” o máximo de informação possível do acervo e do complexo arquitetônico aos seus colegas estava fora de cogitação da proposta inicial do projeto. Segundo a professora, foi possível perceber, pouco a pouco, na troca de experiências, que tudo o que as alunas viram e viveram, passível de desdobramentos e trocas, foi sendo colocado de lado em detrimento das informações sobre o Museu da República. Os educadores do Museu discordaram da professora, dizendo que não houve preciosismo.

Segundo a professora e os educadores do Museu da República, não houve discordância sobre a importância de informações e conteúdos que podiam ser disponibilizados pelo Museu, ou o quanto os alunos, estando acostumados com esse tipo de experiência, a valorizam, mas, segundo a professora, o que deveria ter sido mais argumentado entre a equipe e, infelizmente, em função do tempo exíguo, não foi possível foram os objetivos traçados para o projeto. Segundo os educadores do Museu da República, a Direção do Museu, de certa forma, impôs o projeto de mediação da professora Débora. A diretora concordou com os educadores, explicando que fez a proposta à então coordenadora do setor e que esta, por diversas razões que não vem ao caso explicitar, mas não por razões pedagógicas, não quis incorporar.

Com relação aos *banners*, projeto inicial do Museu da República, a professora teceu muitos elogios, dizendo que foram de extrema importância para a aproximação dos alunos na unidade escolar, para o despertar de sua curiosidade, para o convite e a aceitação do projeto. Segundo a professora, o material não foi apenas esteticamente pensado, com visual atraente e textos sucintos, com letras grandes, mas o próprio conteúdo foi elaborado para alunos da EJA, contemplando os interesses dos sujeitos, jovens e adultos trabalhadores.

Segundo a professora, a visita ao Museu da República foi uma das atividades com maior quórum no ano de 2015 entre as realizadas pelo CIEP em que ela trabalha.

Com relação aos temas trabalhados, a professora não faria acréscimos e disse que a contribuição enfática dos educadores do Museu da República foi de suma importância na construção dos temas com o grupo. Ela destacou a participação do educador Carlos Xavier no primeiro encontro, que deixou o grupo à vontade no primeiro contato, assim como a participação do educador Marcelo Pereira, em todos os encontros, pois, além das informações importantes que compartilhou com o grupo, ele contribuiu com a construção de uma postura de segurança e confiança desse grupo. Ela observou ainda o apoio dado pela educadora do Museu da República, Kátia Frecheiras, lotada no Setor de Pesquisas como pesquisadora sobre educação em museus.

A professora acrescentou também acreditar que o modo como os encontros foram pensados, sem muita exposição oral, foi positivo, não exigindo muita concentração das alunas.

De modo geral, os educadores do Museu da República consideraram que houve poucas reuniões de preparação e reflexão inicial do projeto e gostariam que tivesse havido uma construção coletiva. A razão de não ter acontecido tal fato já foi explicitada acima.

Ainda assim, é válido concluir que os objetivos a que nos propusemos atingir ao elaborarmos esse projeto foram atingidos. A acessibilidade dos alunos do PEJA ao Museu da República, por exemplo, tornou-se uma realidade, principalmente com a abertura do Palácio à noite na última terça-feira de cada mês.

Ponderações das alunas mediadoras

De acordo com a professora Débora, as alunas sentiram-se maravilhadas com toda a experiência e verbalizaram isso em vários momentos. Elas torcem para que haja continuidade do projeto e solicitam à Direção do Museu da República que se pense num programa de estágio para alunos da EJA ou qualquer outro vínculo que lhes permita manter a mesma relação com esse espaço.

Patrícia

Você está apreciando as experiências que esse projeto está proporcionando? Gostaria que essas experiências continuassem a ocorrer nos próximos anos?

Sim! Com toda certeza essas experiências DEVEM ser multiplicadas mais e mais pois temos o direito e o dever de conhecer, valorizar e zelar pelo que é nosso. Também gostaria que o conteúdo absorvido ao longo desse tempo (60 dias) fosse de alguma forma aproveitado pelo museu. Quem sabe uma nova porta de emprego especialmente para a EJA – Educação de Jovens e Adultos.

GRATA PELA ATENÇÃO

A MIM DISPENSADA

Maurina

Você está apreciando as experiências que esse projeto está proporcionando? Gostaria que essas experiências continuassem a ocorrer nos próximos anos?

Sim, acho esse projeto muito proveitoso por acontecer fora da sala de aula e será bom acontecer outras vezes.

De todos os encontros, elas avaliaram negativamente o encontro que deveria ser um bate-papo com profissionais. Disseram que muito do que foi dito não foi compreendido e que houve muito tempo de exposição oral, da qual elas não puderam participar (elas assistiram a uma gravação). Disseram-se esgotadas mentalmente.

Abaixo, algumas avaliações das alunas mediadoras, feitas pela prof. Débora Lopes:

Cícera

Você está apreciando as experiências que esse projeto está proporcionando? Gostaria que essas experiências continuassem a ocorrer nos próximos anos?

Na minha opinião foi uma experiência importante e foi um conhecimento muito bom e que outras eventos como esse poderiam acontecer.

Isabela

Você está apreciando as experiências que esse projeto está proporcionando? Gostaria que essas experiências continuassem a ocorrer nos próximos anos?

Sim, estou apreciando as experiências e achando tudo muito interessante. Gostaria que essas experiências fizessem parte em minha vida e me ajudasse a crescer no mundo do trabalho, como por exemplo tendo a oportunidade de estagiar no museu, podendo realizar o que aprendi e aprenderei, principalmente convivendo com essas experiências e conhecimentos.

O seminário “PEJA: uma lacuna no museu” contou com a presença de 140 profissionais, entre professores do PEJA e educadores de museus.

A Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEJA)/Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro foi representada pela prof. Maria Helena Neves Pereira de Souza e a Direção do Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA) foi representada pela prof. Verônica Ramos Gomes. As duas professoras e a prof. Fátima Pitta, diretora do CIEP Gregório Bezerra, manifestaram-se sobre a importância do projeto para os alunos.

Em seguida, a prof. dra. Marta Lima de Souza, da Faculdade de Educação da UFRJ, proferiu a palestra “Poetizar, criar, fruir, visitar, conhecer arte com jovens e adultos: pelo direito de ser mais!”, que se encontra ao final desta publicação.

Após a palestra e o debate, foram apresentados o projeto e, em seguida, uma avaliação, que contou com a participação de três das quatro alunas mediadoras que participaram do projeto.

Para finalizar, foi apresentada a proposta de dar continuidade ao atendimento a alunos do PEJA no Museu da República, que, desde 2016, abre toda última terça-feira do mês das 18h às 22h. Propõe-se o atendimento, seja com uma visita mediada, seja com o desenho de um projeto especial e o empréstimo da exposição de *banners* sobre o Museu da República.

O interesse apresentado pelos professores foi bastante significativo.

Ao término do seminário, os participantes foram convidados a visitar o Museu da República, acompanhados pela equipe do Setor Educativo do Museu.

O Museu da República compreende o atendimento aos alunos do PEJA como um compromisso com o direito cultural desses alunos. Afastados da escola regular por diversas razões, não tiveram direito a visitar museus quando na idade de frequentar a escola e, agora, à noite, quando retomam seus estudos, após um dia cansativo de trabalho, não desfrutam desse direito porque os museus não abrem à noite.

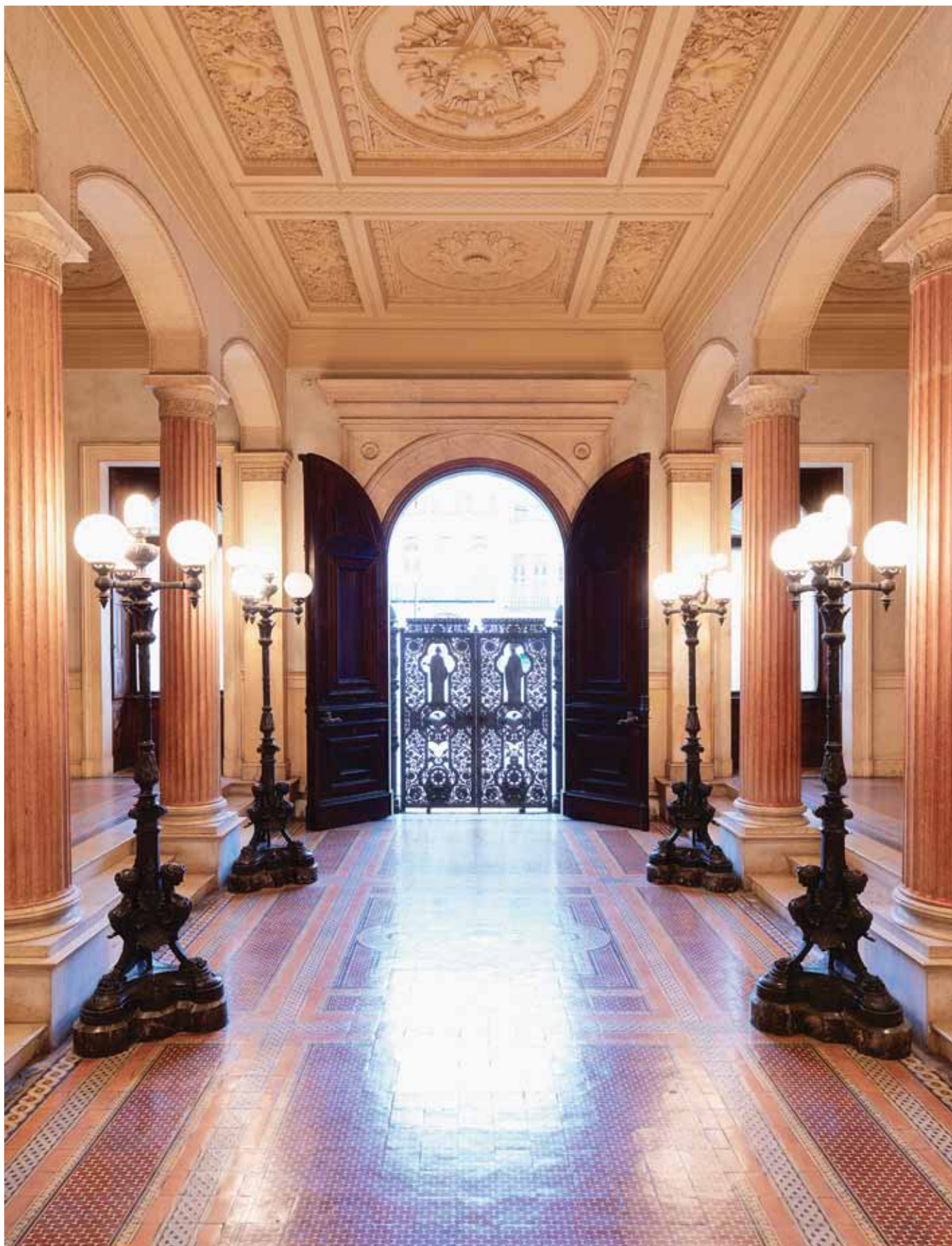
E por que visitar museus? É tão importante para esses alunos visitar museus? Trata-se de usufruir do direito de visitar, de vivenciar a experiência e de poder decidir se desejam voltar ou não, se gostaram da experiência ou não. Museu é um espaço de encontro, de convivência e de reflexão. No museu, a partir dos objetos concretos, pode-se chegar a conceitos abstratos.

Pesquisas demonstram que os escolares visitam museus levados por seus professores. O mesmo se dará com os alunos do PEJA, se os museus estiverem abertos à noite para recebê-los. Uma vez por mês que seja, já é um caminho para o futuro.

PEJA e o futuro no Museu da República

Conforme mencionado na avaliação do seminário, o Museu da República tem a proposta de dar continuidade ao atendimento a alunos do PEJA. Para tanto, desde 2016, abre toda última terça-feira do mês das 18h às 22h.

Propõe-se o atendimento aos alunos do PEJA nesse dia, seja com uma visita mediada, seja com o desenho de um projeto especial e o empréstimo da exposição de *banners* sobre o Museu da República.



Hall de entrada do Museu da República. Foto: Rômulo Fialdini.

POETIZAR, CRIAR, FRUIR, VISITAR, CONHECER A ARTE COM JOVENS E ADULTOS: PELO DIREITO DE *SER MAIS!*

Marta Lima de Souza¹

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff,
levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.*

*Ele, o mar, estava do outro lado
das dunas altas, esperando.*

*Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia,
depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos.
E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.*

*E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
- Me ajuda a olhar!
(Eduardo Galeano, “A função da arte”).*

O objetivo deste artigo² é discutir a importância de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) participarem de atividades culturais, como visitas a museus e espaços culturais. O enfoque adotado amplia a discussão para o campo da arte e para a oportunidade de refletir sobre essas

1 Doutora em Educação e professora da Faculdade de Educação da UFRJ. E-mail: souzamartalima@gmail.com.

2 Este artigo é a versão ampliada da palestra com o mesmo título proferida no evento “PEJA: uma lacuna no museu”, para os professores do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) do município do Rio de Janeiro, a convite do Museu da República/Palácio do Catete, Rio de Janeiro.

atividades/saídas culturais, ao propô-las como um compromisso de todas as áreas de conhecimento do currículo para e com jovens e adultos e na perspectiva do direito à cultura.

A epígrafe de Galeano auxilia-nos a introduzir a reflexão por meio do questionamento sobre a função da arte. É desse lugar que dialogamos sobre a arte com a EJA, em nossa compreensão estética e ética, nesse evento “PEJA: uma lacuna no museu”. Galeano chama-nos a atenção de que é tanta a beleza da arte, e a definição de beleza que utilizamos é a de que “beleza é tudo aquilo que você não dá conta de ver sozinho” (QUEIRÓS, 2012, p. 107), que se configura em uma experiência que só pode ser vivida, compreendida, se for partilhada e compartilhada, é entre, é junto, é com, é no coletivo, por isso arte com a EJA. A definição de olhar ancora-se em Chauí, que observa que “olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si” (1988, p. 33), constituindo-se, portanto, em um olhar que usa o corpo todo: ouvidos, mãos, pés, nariz e boca. É um olhar que vê, toca, cheira, saboreia, degusta...

Nesse sentido, não se trata de discutir para que serve ou qual a importância da arte, visto que

entendemos a arte como constitutiva do sujeito, como aquilo que nos distingue de outros animais e, por conseguinte, como proveniente da cultura que produzimos e como um direito. O que cabe discutirmos é como garantir a efetivação desse direito para e com jovens e adultos, como ampliar as oportunidades de “democratização das expectativas” (BUARQUE, 2014) de arte (estética e ética) com jovens e adultos. Trabalhar para que esse direito se efetive na prática significa investir na formação de:

Sujeitos autônomos, que se reconheçam como fazedores de história, indivíduos curiosos, sensíveis, criativos, intuitivos, plenos e inteiros em sua relação consigo, com o outro e com o mundo, sujeitos livres para se autodeterminarem, para orientarem seus desejos, para sonharem (CARBONELL, 2012, p. 23).

Entretanto, para que esse direito se efetive na prática, é preciso também desenvolver uma escuta atenta à reivindicação de Ruanda:

Eu não quero aprender a fazer balaio de jornal



Alunos do CIEP Gregório Bezerra visitando a exposição itinerante enviada pelo Museu da República, no espaço escolar. Foto: Prof Débora Lopes.



Alunos do CIEP Gregório Bezerra em sua chegada ao Museu da República no primeiro dia de visitação ao espaço. Foto: equipe Museu da República.



Alunos do CIEP Gregório Bezerra visitando o Museu da República. Foto: equipe Museu da República.

velho. Eu não quero fazer “negócio” de colocar planta de fundo de garrafa PET que ninguém compra para usar, só mesmo de pena da gente. *Eu quero aprender a pintar quadro que as pessoas comprem com vontade de colocar na parede, com meu nome assinado.* Eu não quero aprender a pichar, a grafitar. *Quero saber o nome do tipo do quadro que eu já vi numa loja e que eu acho lindo. Se eu te mostrar você me fala como chama aquilo? [...] Por que que eu não posso aprender a ser pintora? Por que eu sou pobre? Diz que tem que nascer com o dom. Mas quem disse que eu não nasci? Quem disse que eu não posso aprender na “aula de ter dom”?* Tem artista da televisão que aprendeu a ser artista. Eu vi que até para ser palhaço tem curso. Não é todo engraçadinho que vira palhaço. *Eu quero*

muito ser pintora de quadro. Quero mesmo! Mas aqui nos projetos só tem negócio de planta de garrafa PET, folha de papel reciclado, uma galinha com jornal velho para botar ovo dentro e um porta-retrato de jornal torcido. Na escola, também, nem se fala do “meu quadro”. A aula de arte... Bom... Humf! Deixa quieto! (DA SILVA, 2013, p. 14, grifos nossos).

Aluna da EJA em uma escola de Belo Horizonte, a denúncia de Ruanda convoca-nos a refletir sobre o trabalho da arte com a EJA. Ruanda revela-nos que os sujeitos da EJA são pessoas com uma diversidade e uma riqueza cultural que, entretanto, na maioria das vezes, não são reconhecidas pela sociedade, pela escola nem, tampouco, por elas mesmas, que não se

autorreconhecem como portadoras de um patrimônio cultural imensurável e como sujeitos de direitos. Mas a enunciação de Ruanda igualmente contraria essa perspectiva e obriga-nos a ampliar a visão desses sujeitos, na medida em que ela se recusa a assumir a condição de oprimida (de ser menos), um lugar de invisibilidade política na sociedade, que suprime seu protagonismo. Ruanda não quer pichar, nem grafitar, não quer aprender a fazer objetos reciclados que ninguém compra nem admira, ela quer aprender a pintar quadros, a ser pintora, ela sabe que pode, sabe o que quer, sabe que isso também se ensina, que lhe pertence. Para ela, a arte é objeto de desejo, de criação, e não apenas de consumo.

Ruanda não só reivindica a estética, ela reivindica também a ética, o compromisso político com o “ser mais” (FREIRE, 1987, p. 34) dessas pessoas. É como se ela nos dissesse que a escola não basta, é preciso ir além. Ela não quer ser apenas consumidora de arte, ela quer ser produtora/criadora, e também não quer que tenham pena dela, quer ser reconhecida pelo seu trabalho artístico, e sabe que pode aprender a ser artista. Quantos potenciais artistas como Ruanda nós perdemos neste país ao excluí-los do direito de “ser mais”? Sua enunciação remete-nos a Bakhtin, filósofo russo da linguagem que afirma:

Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. [...] A arte está na prosa da vida. [...] Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade (2003, p. XXXIV).

Ruanda, parece-nos, já compreendeu isto:

A expressão artística sempre apresenta uma visão de mundo. Seus conteúdos são profundos e nos comovem porque se referem, em última instância, à nossa condição humana. [...] Na arte se fundem a uma só vez o particular e o geral, a visão individual do artista e a da cultura em que vive (OSTROWER, 1998, p. 29).

Retomando a epígrafe, quando Diego pede “me ajuda a olhar”, ele faz referência ao efeito que o contato com a arte produz no indivíduo, efeito que é constituído socialmente. A obra de arte pode nascer da experiência de uma única pessoa, mas o caminho que percorre é o da alteridade, pois o mundo sensível do artista relaciona-se com o mundo sensível do espectador e, concomitantemente, com o mundo



Mediadora Cícera com um grupo de colegas do CIEP Gregório Bezerra na atividade de visitação ao Museu da República.
Foto: equipe Museu da República.

sensível da comunidade dos espectadores, por isso é intersubjetiva e é nesse “entre” que se conhece e se produz arte, produzindo-se a si mesmo.

Reiteramos, entretanto, a pergunta: para que estudar arte com jovens e adultos? Essa é uma pergunta recorrente entre aqueles que têm fome e pressa de aprender a ler, a escrever, a contar, isto é, aprender as línguas portuguesa e estrangeira, a matemática, a história, a geografia, as ciências, a arte, como podemos ler no depoimento a seguir:

Não sei se você se lembra, professora, do primeiro dia de aula, em que eu disse que odiava arte. Hoje eu jamais falaria isso. As aulas de arte foram muito significativas para mim e, acredito, para todos nós. Hoje, se você me perguntar o que eu acho de arte, eu te digo que *arte é cultura, arte é vida* (Neusa, aluna EJA apud CARBONELL, 2012, p. 33, grifos nossos).

Nesse sentido, a arte pode abrir os olhos das pessoas, expandir sua visão de mundo, porque é conhecimento e, principalmente, um modo de praticar a cultura, pois, segundo Carbonell, “as experiências artísticas podem levar os jovens e adultos a transcenderem a concretude do cotidiano, ampliando seu olhar e expandindo seu universo estético” (2012, p. 35), porque “a vida só é possível reinventada” (MEIRELES, 1994, p. 239).

Cabe ressaltar que o retorno do jovem e do adulto à sala de aula implica um ensino de arte que leve em conta e valorize as experiências de vida deles, que resgate a importância de suas biografias, que afirme suas identidades, que assegure o acolhimento para a sua permanência na escola por meio de metodologias apropriadas, que ouçam suas vozes, como a de Ruanda e a de seus companheiros de modalidade de ensino.

Dentre as metodologias apropriadas e que respeitam a experiência de vida de jovens e adultos, as visitas aos espaços culturais, incluindo os museus, são essenciais como formas/modos de se apropriar dos bens culturais da cidade em que vivem e ir além deles, potencializando o direito dessas pessoas à cidade, mas, mais do que isso, efetivando o exercício democrático de suas cidadanias por meio da circulação e da produção dos espaços, dos bens simbólicos e da arte.

Muitos locais, contudo, principalmente os institucionais, como museus e alguns teatros mais “elitizados”, pela trajetória de exclusão do público da EJA, dificilmente serão frequentados pelo estudante dessa modalidade da Educação Básica, se a escola não realizar uma mediação, pois, em geral, representam espaços onde esse público confronta com a própria exclusão vivida. Daí a importância da mediação, do ajudar a olhar, da escola, de professoras e professores de todas as áreas de conhecimento que contribuam para des-sacralizar esses espaços, para que os sujeitos da EJA os reconheçam como espaços que lhes pertencem por direito e para que possam vivenciar experiências estéticas e éticas, como no depoimento a seguir:

A visita ao Museu de Arte de São Paulo (MASP) foi um capítulo à parte. Eu, que já moro em São Paulo há mais de vinte anos, nunca havia ido. E foi, com certeza, uma experiência interessante. Muitas das obras de arte eu reconheci, pois já tinha visto nos livros em aula. Mas é muito diferente vê-las de perto. A emoção é outra, é bem mais forte. De todos os temas, tanto nas aulas como no MASP, o que mais gostei foi o Impressionismo, em especial as pinturas de Claude Monet, pois aquilo de querer capturar a luz do sol era bem coisa de mágico. E ele o fez como ninguém! (Rosileide, aluna da EJA apud CARBONELL, 2012, p. 42).

Mas como ir além dessa experiência estética importante de apreciar? O projeto da professora Débora Lopes, do PEJA, intitulado “EJA: discentes mediadores no espaço museal” e os desdobramentos com os museus, em especial com o Museu da República, ampliaram essa perspectiva quando, por meio da formação de estudantes da EJA como mediadoras, propuseram que assumissem um protagonismo na realização de visitas guiadas (desde o planejamento até a visita de fato) para os seus colegas de turma.

Esse protagonismo também se configurou na discussão de planejamento da ação, indo além do saber constituído no mundo do trabalho das estudantes, quando se acolheu e legitimou a proposta delas para a visita guiada com o tema o “museu como casa – patrimônio da humanidade” (LOPES, 2015, n.p.). Essa parece-nos uma aprendizagem significativa para as estudantes, para a professora e para a escola



Seminário PEJA:
uma lacuna no
museu, no jardim
do Museu da
República. Foto:
equipe Museu da
República.

pública, ao romper com esse distanciamento entre os estudantes da EJA e os museus, e da professora e da escola pública em assumir a tarefa de reconhecê-las como construtoras de cultura. Um belíssimo exemplo de construção do conhecimento que vai do senso comum à conscientização dessas estudantes da apropriação que fazem da arte e do espaço do museu, isto é, a oportunidade de redescobrir-se por meio da retomada do próprio processo, em que vão se “descobrir, manifestando e configurando uma [...] conscientização” (FREIRE, 1987, p. 15).

Nesse sentido, o projeto com o Museu da República rompe com a experiência de somente apreciar, ao propor às estudantes da EJA que sejam mediadoras, que ajudem outros a olhar, potencializando suas humanidades como sujeitos que não são apenas consumidores, mas, sobretudo, produtores de conhecimentos e formadores de novos conhecimentos, de cultura, protagonistas ativos, portanto, de suas histórias – uma experiência estética e ética –, em que a arte encontra a prosa do dia a dia, vai ao encontro da arte, direcionada aos que desejam compartilhar conhecimentos, e não apenas amalhá-los. Ou

seja, ao descentrar o professor como o único detentor do saber e o museu como apenas um lugar de guardar a memória, mas reconhecendo-o como um lugar onde também se constroem a memória e a história por homens e mulheres, o projeto dissemina o conhecimento, socializa saberes, potencializa sujeitos, devolve-lhes a autoestima, além de restituir um direito, as visitas a tais espaços, que possibilitam:

Vivenciar experiências estéticas, desenvolver percursos de criação pessoal, cultivados por valores estéticos e éticos, alimentados pela dimensão do sonho, pela leitura sensível e crítica de manifestações culturais, *aprendizagens fundadas no sentido da vida* (CARBONELL, 2012, p. 42, grifos nossos).

Nessa perspectiva, da importante tarefa da escola pública de reconhecer os jovens e adultos como construtores de cultura, defendemos e convidamos as professoras e os professores a potencializarem as propostas de trabalho de arte com a EJA, obviamente resguardando a especificidade da área de arte, de



Professora
Débora Lopes no
Seminário PEJA:
uma lacuna no
museu. Foto:
equipe Museu
da República.

modo que assumam a proposta de arte (do conteúdo) como um compromisso de todas as áreas de conhecimento, de todas as disciplinas em que a discussão estética e ética encontre seu devido lugar na essência de todos os conhecimentos humanos, indo, portanto, além da inserção da arte no currículo como disciplina ou tema transversal, mas concebendo-a como aquilo que é do fazer humano, do corpo, e não de um ser cindido, fragmentado.

Historicamente, a ciência moderna separou razão e emoção, cognição e afetividade, mente e corpo, desprezando a afetividade no processo de ensino e de aprendizagem. Contudo, por meio da arte e de sua relação com as outras áreas de conhecimento, e compreendendo o saber como algo vivenciado e experienciado pelo corpo, podemos restituir a emoção e a afetividade aos processos de ensino e de aprendizagem, rompendo com essa dicotomia.

Daí a importância de metodologias próprias para o ensino e a aprendizagem da arte com jovens e adultos, de modo a contribuir para afirmar e potencializar sua identidade, desenvolver o espírito crítico, ampliando a convivência com a produção e a circulação de conhecimentos, preparando-os para integrar com as mais variadas formas de pensamento. Nesse sentido, torna-se fundamental que se estabeleça um diálogo com as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos, tendo uma escuta alteritária para suas falas, como a de Ruanda.

Convidamos, então, para um pequeno exercício de diálogo entre as áreas de conhecimento e temos certeza de que cada professora e cada professor podem, olhando para a especificidade de seus conhecimentos e da sua experiência, ir além deste mero ensaio a partir da obra *Guernica*,³ de Pablo Picasso, cuja primeira exposição, este ano, completa 80 anos. Cabe

3 Painel *Guernica* (Gernika, em basco, fica na região da Biscaia, comunidade autônoma do País Basco). Pablo Picasso, 1937. Museu Reina Sofia, Madri/Espanha. Foi criado para o pavilhão da Espanha na Exposição Internacional de Paris/França, com base nas imagens de jornais da época referentes ao dia 26 de abril de 1937, quando a cidade basca de Guernica foi arrasada por aviões alemães nazifascistas, aliados do ditador espanhol Franco, que mataram mais de mil pessoas, em sua maioria mulheres e crianças. Sensibilizado pelas imagens do massacre nos jornais, Picasso trabalhou por um mês naquilo que ficaria conhecido como sua obra-prima, um prenúncio do que seria a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e do que ainda repercute em nossos dias. Tem 7,76m de comprimento e 3,49m de altura.



Professora Marta Lima de Souza no Seminário PEJA: uma lacuna no museu. Foto: equipe Museu da República.

destacar que não temos a intenção de didatizar a arte, tampouco de reduzi-la ao exercício disciplinar, mas sim de instigar os professores e estudantes da EJA a olharem a arte como uma importante dimensão para refletir sobre a vida, visto que, por viverem em sociedade e nela se constituírem como seres individuais e coletivos, os jovens e adultos vivenciam “múltiplos e complexos processos em que se integram diferentes dimensões das ciências e das artes” (RUMMERT, 2003, p. 36).

O ensaio que fazemos com *Guernica* possibilita-nos trazer a “vida vivida” e demonstrar a integração entre as diferentes dimensões das áreas do conhecimento com a arte:

- Língua Portuguesa: leitura e escrita sobre as impressões, matérias de jornais da época e atuais, fotografias, a história do painel.
- Língua Estrangeira (Espanhol, Inglês e Francês): o idioma em si, a colonização, o idioma basco, os vários idiomas que circulam na Espanha hoje.
- Arte: a leitura de imagens, o artista, a obra em si, o Cubismo, as cores, a visita virtual ao site do

Museu Reina Sofia.

- Matemática: o grafismo/geometria (quatro retângulos e um triângulo), as medidas do painel, o Cubismo (formas geométricas).
- História: o período histórico, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e seus desdobramentos, o povo basco, o regime nazifascista.
- Geografia: espaço geográfico, mapas, território, política, economia, cultura, migração, a região do País Basco, as repercussões até os dias atuais, grupos “radicais” como ETA.
- Ciências: a vida, o poder de destruição humano, as consequências da guerra para a saúde humana.

Os jovens e adultos experienciam de forma integrada e sem divisões disciplinares a síntese de múltiplos conhecimentos. Cabe à escola, portanto, proporcionar a eles os elementos necessários para transformar essa experiência heterogênea e fragmentada da realidade e de si mesmos em conhecimentos que possibilitem a plena compreensão de si mesmos e do mundo em que vivem (RUMMERT, 2003). Relacionando às questões sociais, políticas e

econômicas de hoje, como *Guernica* ainda dialoga com o nosso cotidiano? Estabelecemos uma ponte com a nossa guerra particular no diálogo com Portinari, em *Os retirantes* (1944), que foi muito influenciado por Picasso e por *Guernica* quando esteve em Nova York na exposição.

São obras atemporais, em que os processos migratórios estão presentes, representando, assim, muitos povos que são obrigados a migrar – destituídos da possibilidade de continuar a viver em suas terras –, caso dos povos sírios, por exemplo, ou da Espanha, ainda hoje, e muito presente na EJA com os migrantes do Nordeste e de outros estados: a “história de todos nós que, estando ou não na terra dos nossos ancestrais, temos de lutar não apenas contra os percalços da natureza, mas, principalmente, contra a estrutura econômica e política que condiciona a posse e o uso da terra” (BARBARA et al., 2004, p. 73), fala de vida e morte, simboliza a luta do homem contra a opressão, o irracional e a barbárie.

Deixamos então o convite para ampliar o tema e para escolher outros que estabeleçam conexões com a vida vivida, que contribuam para

potencializar as práticas sociais e culturais da arte, da ciência, da história, da geografia, da matemática, da língua portuguesa e das línguas estrangeiras, entendendo que educar é um ato estético e ético. Educador e educando “se ajudam a olhar” e, juntos, ressignificam mutuamente suas experiências – “quando ensino, aprendo, quando aprendo, ensino” (FREIRE, 1987) –, criam novos sentidos para sua existência, transformando seu olhar sobre o mundo, mobilizam o corpo inteiro para aprender: razão e emoção, afetividade e cognição, visto que “no estético encontra-se a possibilidade de perceber e pensar sobre tudo aquilo que qualifica a experiência humana, porque essa qualificação é o resultado da integração de todas as capacidades humanas para dialogar com o meio” (MEIRA, 2001, p. 133).

Cabe a nós, portanto, ampliarmos “as aprendizagens escolares que contribuam efetivamente para o desenvolvimento do sujeito, para experiências que transcendam o individual e se estendam para uma dimensão sociocultural, privilegiando, assim, a *interação entre a escola e a vida*” (CARBONELL, 2012, p. 65, grifos nossos).



Aluna / mediadora do PEJA . Foto: equipe Museu da República.

Nessa perspectiva, um programa, uma escola e professoras e professores da EJA devem estabelecer a comunhão entre a ciência e a arte, a razão e a emoção, a cognição e a afetividade, de modo a contribuírem para formar sujeitos que potencializem o conhecimento, desmascarando a superficialidade e a padronização do olhar, para levar os jovens e adultos a aprofundar a leitura de mundo, ajudando-os a extrair outros sentidos da paisagem excessivamente massificada que vivemos. É um compromisso estético e ético com a formação de sujeitos cujo olhar deseje sempre mais do que lhe é dado a ver. Como diria o poeta Manoel de Barros: “Arte não tem pensa: o olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê. É preciso transver o mundo” (2012, p. 102).

E, para concluir, gostaríamos de reafirmar a relevância do projeto com o museu e desta mesa para conhecer, discutir e propor ações em que os sujeitos da EJA sejam reconhecidos e se autorreconhecem, não apenas como apreciadores e consumidores de arte, mas, sobretudo, como produtores e criadores de arte e também como formadores de outros sujeitos, fortaleçam suas autoestimas por meio de um saber compartilhado, de formas de autoria colaborativa, de novas formas de participação e de engajamento.

Desconfiamos que estejam escrevendo uma história que ainda não foi escrita, uma pequena revolução, em que libertam e se libertam com jovens e adultos. Pois, por meio dessa experiência, genuinamente de liberdade, subverte-se a ordem instituída, rompe-se com os limites de classe e de cultura, visto que vai na radicalidade daquilo que Freire nos ensinou: “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens [e as mulheres] se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 52) e “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens [e as mulheres] se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (1987, p. 68, grifos nossos).

Desejamos vida longa aos projetos como esse e convidamos a todas e todos a tomarem seus lugares neste banquete.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad.: Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBARA, M. M. et al. (orgs.). **Experiências de educação integral da CUT: práticas em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BARROS, M. **Meu quintal é maior que o mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- CHAUI, M. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, A. (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CARBONELL, S. **Educação estética na EJA: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- DA SILVA, A. Educadores de jovens trabalhadores que estudam: aprendendo a ensinar. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 21, n. 30, 2013. Dossiê Formação de Professores e Práticas Culturais: descobertas, enlances, experimentações. Disponível em: <http://epaa.asu.edu/ojs/article/view/1226>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALEANO, E. **Livro dos abraços**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- HOLLANDA, H. Buarque de. **Intelectuais versus marginais**. 2014. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/intelectuais-x-marginais>. Acesso em: 25 maio 2017.
- SANTOS, Débora da Silva Lopes dos. Pelo direito à EJA dentro dos museus. In: IX Seminário Internacional - As Redes Educativas e as Tecnologias, 2017, Rio de Janeiro. Educação inclusiva e processos educacionais. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. pp. 1-14.
- MEIRA, M. R. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, A. D. (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2001, pp. 119-140.
- MEIRELES, C. Reinvenção. In: _____. **Escolha os seus sonhos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.
- OSTROWER, F. **A sensibilidade do intelecto**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- RUMMERT, S. **Princípios e especificidades a serem considerados numa proposta para a EJA**. Palestra. Educação de Jovens e Adultos: para o Plano Municipal de Educação de Niterói. Niterói: Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME); Secretaria de Educação; Coordenação de EJA, 2003.
- QUEIRÓS, B. C. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Série Conversas com o Professor).

Atividades dirigidas a professores e guias de turismo

Encontro com professores/Encontro com guias

Projeto realizado na primeira quarta-feira de cada mês, às 13h30, tem como objetivo apresentar aos professores os circuitos das exposições do Museu da República, para melhor prepará-los para a visita com alunos e, ao mesmo tempo, informá-los das atividades educativas desenvolvidas no Museu.

Excepcionalmente, faremos encontros de manhã e aos sábados, desde que o número de inscritos os justifiquem.

República dos professores/Oficina dos professores

Realização de palestras com especialistas de várias áreas do saber (história, museologia, música, artes plásticas, literatura, geografia etc.) nas segundas quartas-feiras de cada mês. O programa inclui debate sobre a aplicação desses conteúdos nos circuitos expositivos do Museu da República.

Projeto Bastidores

Realizado na última quarta-feira de cada mês, propõe uma visita aos bastidores do museu, locais não visitados normalmente pelo público em geral, realizada por técnicos das áreas envolvidas.

Visitas mediadas

Realizadas às terças e quintas-feiras, com uma visita pela manhã e uma visita à tarde, para grupos escolares do Ensino Fundamental e Médio.

PEJA

O Museu da República abre das 18h às 22 horas toda última terça-feira de cada mês para receber alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Podem ser feitos contatos para programação de atividades especiais, como visitas, palestras, oficinas/encontros de professores e empréstimo de exposições.

Entre em contato conosco, participe de nossos projetos e traga suas turmas: Coordenação de Educação do Museu da República

E-mail: mr.educa@museus.gov.br

Telefone: (21) 2127 0345 e (21) 2127 0332



revista do professor

EXPEDIENTE

Coodenação editorial e supervisão pedagógica
MAGALY CABRAL

Fotografias
DÉBORA LOPES
MARCOS BAGNO
ROMULO FIALDINI

Diagramação
ESPIRÓGRAFO EDITORIAL / MARCIA MATTOS

Revisão
ESPIRÓGRAFO EDITORIAL / CLARISSA PENNA



MUSEU DA REPÚBLICA